

COMO LIDAMOS COM O VIVER E O MORRER?

NEILA SELIANE PEREIRA WITT; NÁDIA GEISA SILVEIRA DE SOUZA

Entender o modo de viver contemporâneo como atravessado por discursos de juventude, saúde, cuidado, infinitude implicados na regulamentação das nossas ações, levou-nos a examinar como lidamos com o viver/morrer hoje. Nessa perspectiva, objetivamos problematizar os efeitos dessa rede discursiva, criando, talvez, condições para espaços de “liberdade” em relação aos cuidados do corpo e ao viver/morrer. O modo como se tem pensado o corpo e a vida vem gerando dificuldades de nos vermos como finitos e de falarmos sobre a morte. Desde o século XVIII, vivemos regidos por políticas que têm por finalidade assegurar a vida. Na crescente busca da correção e da infinitude do corpo ultrapassa-se a sua organicidade, através do uso de tecnologias biomédicas voltadas ao autocuidado, à prevenção de “riscos” e ao prolongamento da vida. Além disso, não se pode negar o destacado lugar da mídia, como instância pedagógica, na veiculação de “verdades” envolvidas na constituição de nossas subjetividades, funcionando como uma estratégia de regulação do corpo. Tais entendimentos nos moveram a analisar os enunciados relacionados às noções de vida/morte presentes em reportagens da revista *Veja/SP*. Nelas, enunciados direcionados ao cuidado do corpo e à “autonomia” do sujeito mostraram a integração das biopolíticas de redução de custos à saúde. Num pensamento voltado ao autocuidado e à saúde, os processos decorrentes do viver (a velhice, a doença, a morte...) são vistos como descuido ou negligência, passando a serem considerados decadência e derrota. Enfim, em uma sociedade regida pela vida, a morte deve ser evitada ou justificada em nome da defesa da vida (p. ex, os transplantes), superando-se os limites do corpo, a serviço da vida e produtividade do sujeito.